

O *Unheimliche* e o analista desconcertado¹

Roosevelt Cassorla²

Durante um processo analítico pode acontecer que o analista sinta que perdeu o controle sobre si mesmo, que está sendo dirigido por algo estranho, ficando surpreso e assustado com o que está vivenciando. A perplexidade do analista pode ser acompanhada de embotamento de sua função analítica, como se tivesse se tornado estúpido. Em outras ocasiões o analista percebe um “acidente” desconcertante no campo analítico. Em todas essas situações vivencia-se algo similar ao que Freud (1919) chamou *Unheimliche* (Estranho ou Sinistro). Em geral o analista toma consciência do que ocorreu após se ver tomado por aspectos involuntários, isto é, *après coup*.

Estas situações vêm sendo identificadas e estudadas pela psicanálise contemporânea e indicam diferentes formas de manifestação de aspectos da mente primordial, isto é, de registros que não puderam ser simbolizados adequadamente, sendo mantidos à margem da rede simbólica do pensamento.

Para discutir esses aspectos escolhemos duas vinhetas clínicas.

1. Os buracos na mente de Patricia

Supervisionava, por Skype, uma colega de outro país. Falávamos a mesma língua mas seu sotaque dificultava minha compreensão. A paciente havia sido enviada, quando criança, para o novo país, devido a ameaças terroristas. Fora criada por parentes distantes, sentindo-se sempre solitária e desamparada. Mudara-se para uma metrópole (L) em um terceiro país, onde se mantinha precariamente. Seu vazio emocional era evidente.

Muitas vezes a analista se sente confusa e não sabe se Patricia omite fatos ou mente. Já a imaginou prostituindo-se e drogada. Patricia fazia análise presencial mas quando se mudou para L passou a

¹ Este trabalho foi apresentado na mesa ““Clínica: impasses e desconcertos” com Julio Hirschhorn Gheller no I Simpósio Bional “O mesmo, o outro: Psicanálise em movimento” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

² Membro Efetivo e Didata da SBPSP e do GEPCampinas. *Sigourney Award* em 2017.

usar Skype. No início sentia muita falta da analista e comumente voltava para sua cidade (a três horas de voo de L), às vezes desesperada, para encontrar-se com ela.

A analista relata uma sessão recente, por Skype. Patricia conta que está contente porque consegue ficar mais tempo em L, sem sentir tanta falta das sessões presenciais. Em seguida conta que conseguiu lucrar comprando determinados produtos e revendendo-os. A analista imagina algo desonesto e investiga. Patricia responde com detalhes confusos. A analista deixa de prestar atenção. Percebe sua desconexão quando ouve Patricia contar que se havia sentido enganada. Comprara uma roupa e percebeu um buraco. Deveria trocá-la e conseguiu que uma amiga o fizesse por ela. Conta que sempre consegue que alguém faça as coisas por ela, porque é muito preguiçosa.

Eu não compreendo uma frase da analista. Decido não interrompê-la. Em seguida, ouço a analista me contando que, de repente, sua mente estava tomada por imagens de comidas. Pensava em qual prato deveria preparar para o almoço. Nesse momento me sinto incomodado por não tê-la interrompido quando não compreendera sua fala anterior.

A analista, bruscamente, me diz que a sessão estava no fim e não se lembra como acabou. Surpreende-me com um pedido: que eu a ajude a compreender a imagem da comida. Essa imagem era muito incômoda e persistiu, incontrolável, após a sessão.

Analista e supervisor percebem que, no início da sessão, Patricia está satisfeita por poder manter a representação interna da analista. Segue-se um clima de desonestidade, de algo não verdadeiro. A desconexão – buraco – é assinalada pela paciente. Na roupa, no campo analítico, no buraco de representações mentais, fruto de fraudes e preenchido por fraudes.

O campo analítico permite que surjam os buracos internos de Patricia que ressoam inconscientemente na analista, tornando-a desvitalizada para costurar a rede simbólica do pensamento. A preguiça para contrapor-se às sabotagens destrutivas é de ambas. A terceirização – através de relações fusionais – é questionável.

É possível supor que a imagem de comida – *Unheimlich* – indica, ao mesmo tempo, a desconexão da analista e a conexão profunda com o vazio ressentido de Patricia. O mesmo ocorre com o supervisor, que preguiçosamente evitou investigar o buraco em sua escuta. Paciente, analista e supervisor entraram em contato com áreas esburacadas da rede simbólica.

A imagem insólita da comida revela a necessidade de preenchimento. Ao mesmo tempo, representa o seio ausente, objeto primário, cujas representações mentais não existiam ou eram fracas. O *Unheimlich* manifesta, portanto, aspectos ambíguos. A analista desconectada está, num paradoxo, conectada com sua capacidade de imaginar, ainda que essa imaginação pareça imposta. Em outras palavras, a analista está com sua capacidade analítica perturbada e, ao mesmo tempo, fortemente potente. A comida representa, em certo nível, o substituto do seio ausente e, em outro nível, a representação do nada (no-thing and nothing)..

O estudo detalhado do caso nos mostrou que a capacidade de representação de Patricia havia sido perturbada no começo de sua vida. Necessitava do objeto concreto e da relação fusional que era dramatizada com a analista-“comida”. O preenchimento fantasiado com as drogas, promiscuidade e dinheiro indicavam defesas de mesmo tipo.

O trabalho com pacientes como Patricia exige que a dupla analítica efetue construções (Freud, 1937) que dêem sentido ao vivido não pensado. Essas construções serão realizadas durante as experiências emocionais vividas no campo analítico, uma costura microscópica fruto dos momentos de encontro e desencontro da dupla analítica, para além de relatos hipotéticos sobre aspectos não representados.

Quando terminou a supervisão a analista se lembrou do final da sessão. Patricia, antes de desligar o Skype, disse que gostou muito dos braceletes que a analista usava. Principalmente os buracos que “não eram pequenos nem grandes”.

2. O texto de Ana

Durante a sessão Ana dividira com o analista sua satisfação por ter tido um trabalho aceito em um concorrido Congresso Internacional em Saúde Mental. Ao sair abre a bolsa e entrega o texto ao analista. Ao abrir as mãos para receber o texto o analista se surpreende. Suas mãos não se abrem e seu dedo indicador assinala uma mesa distante. Pede que Ana deixe o texto ali. Estranha o tom áspero de sua própria voz. Sente-se perplexo e assustado por perceber seus movimentos como que dirigidos por uma força estranha.

O analista não costuma aceitar textos de seus pacientes. Era evidente que o ato revelava sua ambivalência entre o desejo de receber e rejeitar o texto. Sente que sua função analítica foi perturbada. Receia ter provocado sofrimento em Ana.

No dia seguinte Ana conta um sonho noturno sobre rejeição e sofrimento. Associações levam à lembrança de uma amiga com artrose que não pode abrir as mãos. Paciente e analista podem conversar sobre o episódio ocorrido na véspera.

O estudo do processo analítico permitiu a identificação de um conluio inconsciente da dupla, de idealização mútua, que foi rompido com o ato descrito. Ana era uma pessoa simpática, delicada e sensível. Sua fragilidade estimulava sentimentos de proteção similares aos que se sente frente a um bebê gentil desamparado. A vida de Ana era repleta de vínculos desse tipo. O objeto cuidador era, inicialmente, idealizado. Mas, frente a frustrações o vínculo se transformava em persecutório. O ódio de Ana era atenuado quando conseguia um novo objeto cuidador, o que não lhe era difícil.

Portanto, em determinada área do campo analítico, o analista fora recrutado a participar de enredos desse tipo, sem que tivesse percepção clara do fato. Posteriormente descobriu que seu tom de voz era muito acolhedor – talvez demais - e que sentia certa vacilação quando interpretava os fatos penosos da realidade. Sua sensibilidade contratransferencial era evidente mas poderia fragilizar a potência da função analítica. Nessa área se constituíra uma relação fusional (*enactment* crônico) cujo objetivo era evitar o contato penoso com a realidade triangular (Cassorla, 2016). Trata-se de não-sonhos-a-dois, que simulam sonhos traumáticos. No entanto a repetição compulsiva não é consciente e a ansiedade está tamponada.

O ato automático do analista, quando sua mão parece paralisada, não é apenas uma descarga. Ele tem também um componente com significado ambíguo: o analista está e, ao mesmo tempo, não está disponível para ler e comentar o texto. Inconscientemente o analista se recusa a ser um prolongamento do *self* de Ana mas se sente incomodado por desfazer a fusão, isto é, desfazer o *enactment* crônico.

Chamo *enactment* agudo ao conjunto de atos descritos - a entrega do texto por Ana e a recusa ambígua pelo analista - que culminaram no desfazimento do *enactment* crônico. O constrangimento e culpa do analista é decorrente não somente da sensação de ter perdido sua função analítica, mas também da intuição de que seu ato, que rompe o conluio dual, fará com que Ana viva o trauma do contato com a realidade triangular.

O estudo dessas situações mostra que, durante o *enactment* crônico o analista imagina que sua função analítica está preservada. Na verdade isso não ocorre na área fusional, fato que somente será percebido após o *enactment* agudo. Este, por sua vez, parece indicar comprometimento da função analítica. Na verdade, ela estava sendo recuperada e é essa recuperação que permite o desfazimento do *enactment* crônico e a possibilidade de pensar sobre o que havia ocorrido.

A ambiguidade do *enactment* agudo se revela no mix de fatos, que ocorrem ao mesmo tempo: descargas, não sonhos sendo sonhados, sonhos sendo transformados em não sonhos, sonhos ampliando sua capacidade simbólica. Essas concomitância, somada ao imprevisto da situação, se revela como *Unheimlich*.

Devemos deter-nos no *Unheimlich* resultado do analista sentir-se um autômato, dirigido por forças estranhas. O familiar se manifesta através da manutenção da função analítica, quando o analista se recusa a ler o texto. Ao mesmo tempo surge o não familiar, o movimento involuntário ambíguo do analista. Mas esse não familiar é resultado de algo, de alguma forma, conhecido. Ana transmitiu inconscientemente a seu analista o saber/não saber de que relações fusionais protegem contra o contato traumático com a realidade e que seu desfazimento será sentido como traumático. O analista se transforma em uma espécie do duplo da paciente. A dupla Ana/analista sabem/não sabem que o trauma de exclusão será suportável/insuportável. O analista sabe/não sabe que seu ato indica sua ambiguidade em relação a esse fato.

A sessão seguinte mostrou que Ana fora capaz de efetuar trabalho de simbolização relacionado a fusão/exclusão através de seu sonho noturno. No campo analítico o sonho é ressonhado pela dupla (sonhos-a-dois) ampliando-se a capacidade de pensar sobre os fatos vividos. Em consequência amplia-se a rede simbólica do pensamento.

Descobrimos que Ana revelou, no campo analítico, aspectos inconscientes que fazem parte tanto do inconsciente reprimido – surgindo através de sonhos-a-dois – como de aspectos primitivos do funcionamento mental, estes externalizados através de uma espécie de “filme mudo” (Sapisochin, 2013) cujo enredo mostra busca caracterológica e também compulsiva por amparo e proteção. Certamente esse enredo sofreu a influência, também, de fatos transgeracionais.

Concluindo: podemos efetuar a hipótese que todas as experiências são registradas na mente primordial e, quando simbolizadas, também na mente simbólica. Por outro lado não existe uma

oposição dicotômica entre símbolos e registros não simbólicos. A clínica nos mostra uma gama de registros, um gradiente com diferentes graus de simbolização e não simbolização. Num extremo desse gradiente teremos traços e no outro extremo símbolos verbais, da escrita e da arte. Entre esses extremos encontraremos variados tipos de signos: ícones, índices e símbolos com diferentes graus de fraqueza ou força significante e com variados graus de concretude e abstração. Equações simbólicas, quando símbolo e simbolizado se confundem, resultam em pensamento concreto.

Essas situações indicam o contato com aspectos primitivos de mente, fatos primitivos que foram registrados mas não suficientemente simbolizados. Seu emergir ocorre através de afetos, somatizações, delírios, crenças, alucinações, comportamentos, vazios. Outras vezes se manifestam principalmente através da prosódia – afetos - que acompanha a comunicação simbólica. Tenho chamado não-sonhos ao conjunto desses fenômenos. Os não-sonhos coexistem com os sonhos.

Essa coexistência pode transformar-se em perplexidade porque o observador estará vivenciando ao mesmo tempo fatos familiares (conhecidos) e não familiares (desconhecidos).

Frente à manifestação de áreas primitivas de mente a função continente do analista se vale de sua capacidade de *reverie* na tentativa de dar figurabilidade ao que o paciente não está podendo comunicar por palavras. Frente a esses aspectos com simbolização deficitária, o analista sonha o não-sonho de seu paciente. O analista se sente perplexo se esse não-sonho aparece em forma insólita desconcertando sua função analítica.

Quando o analista não tem condições de suportar o insólito até que ele faça sentido ocorrem algumas possibilidades: 1. Ele ignora o que vivenciou atribuindo-o a uma perturbação momentânea, que acredita que não vale a pena investigar; 2. Ele descarrega sua incompreensão, por exemplo, em ato; 3. Ele dá um sentido apressado e falso ao fato, para tranquilizar-se. Qualquer que seja a solução o analista intui, de alguma forma, que sua função analítica foi atacada. Dessa forma, além do *Unheimlich* da situação o analista sente sua função analítica estranha.

Referências

Cassorla, RMS (2016). *O psicanalista, o teatro dos sonhos e a clínica do enactment*. São Paulo: Blucher/Karnac

Freud, S (1976). O estranho. *Edição Standard*, volume 14, pp. 289-314..Rio: Imago (trabalho original publicado em 1919).

Freud, S (1976). Construções em análise. *Edição Standard*, volume 23, p. 273-318.Rio: Imago (trabalho original publicado em 1937).

Sapisochin, G. (2013). Second thoughts on Agieren: listening the enacted. *International Journal of Psychoanalysis* 94:967-991.